

Was ist Philosophie im Mittelalter? Akten des X. internationalen Kongresses für mittelalterliche Philosophie (Société Internationale pour l'étude de la Philosophie médiévale, Erfurt, 23-30, Aug., 1997) hrsg. von Jan Aertsen und Andreas Speer, *Miscellanea Medievalia*, 26, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1998, 1066 p.

O X Congresso da Sociedade Internacional para o Estudo da Filosofia medieval, ocorrido em Erfurt (Alemanha) em 1997, reuniu centenas de estudiosos e especialistas em torno do tema que é, afinal de contas, a razão de ser da própria Sociedade: o que é a Filosofia na Idade Média? Tema extremamente vasto e complexo, se levarmos em conta que o mundo espiritual e intelectual da Idade Média abrange as quatro grandes tradições culturais que floresceram do VI ao XV século: a bizantina, a árabe, a latina e a judaica, cada uma delas com suas características originais e sua concepção própria da atividade intelectual e da prática da Filosofia. O intenso trabalho de pesquisa e interpretação que se desenvolveu na últimas décadas, tendo como objeto a filosofia medieval nas suas quatro grandes versões, colocou naturalmente no centro das investigações a questão essencial sobre a natureza e a própria possibilidade do pensamento filosófico no mundo de cultura medieval. A questão vem sendo posta desde o século XIX no que diz respeito à filosofia medieval de expres-

são latina (ver Nota bibliográfica nesse mesmo número) e é, de resto, com a filosofia na Idade Média latina que se ocupa a maior parte das comunicações do X Congresso, cujas Atas estamos apresentando. É evidentemente impossível percorrer nessa recensão os cerca de 110 trabalhos nelas publicados. Assinalamos apenas que eles se distribuem em 13 temas assim enumerados pelos editores (p. X): 1. Tradição e Historicidade; 2. A condenação de 1277 e suas conseqüências; 3. Conceito e status da Filosofia; 4. Filosofia e pensamento transcendental; 5. Filosofia e Teologia; 6. Filosofia e Teologia: Mestre Eckart e Nicolau de Cusa; 7. Teoria da Ciência e Filosofia da Natureza; 8. Filosofia em Erfurt: a Lógica; 9. Filosofia árabe; 10. Filosofia judaica; 11. Filosofia bizantina; 12. A questão sobre a felicidade humana; 13. Filosofia prática. Não poderia, por outro lado, passar inadvertida a magistral palestra inaugural do Prof. Albert Zimmermann, antes Presidente e atualmente Presidente de honra da Sociedade Internacional para o estudo da Filosofia medieval. Tendo como título "O desamparo do homem e a Filosofia", ela define o espírito que deve animar os estudiosos da Filosofia medieval, ao reivindicar com eloqüência a legitimidade e a necessidade da Filosofia ante o nihilismo reinante no pensamento contemporâneo. Para nós, foram de particular interesse

e, por isso, aqui assinalamos as comunicações dos Professores Wolfgang Kluxen (Bonn) (*Die Bewahrung abendländischen Identität*, pp. 19-29); Jan Aertsen (Colônia) (*Was ist First and Most fundamental? The Beginnings of Transcendental Philosophy*); René Brague (Paris) (*Sens et valeur de la philosophie dans les trois cultures médiévales*, pp. 229-244); Claude Panaccio (Québec) (*La référence transtemporelle et l'étude de la philosophie médiévale*, pp. 360-370); David M. Gallagher (Washington, D. C.) (*The Role of God in the Philosophical Ethics of Thomas Aquinas*, pp. 1024-1033). Esse monumental volume apresenta-nos uma soma impressionante de erudição e de riqueza hermenêutica que o tornam uma fonte preciosa de informação para todo estudioso da filosofia medieval.

Henrique C. de Lima Vaz
CES — BH

JEAN GRONDIN, *Introdução à Hermenêutica Filosófica*. Tradução: Benno Dischinger, São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999. 336 p. (Coleção Focus).

A palavra Hermenêutica, no uso lingüístico atual, possui certa imprecisão devido a sua amplitude. Pode, segundo Grondin, significar explanação, explicação, tradução, exegese ou ainda interpretação nas mais variadas áreas de conhecimento. Neste caso, recomenda-se aqui a delimitação do termo à idéia de uma teoria da interpretação, embora, num certo sentido, a própria linguagem já é sempre interpretação, enquanto procura expressar o que se passa na alma de quem formula as palavras. O autor lembra também que interpretar é uma forma de "traduzir", ou seja, tornar compreensível aquilo que não o está.

Para Grondin, o horizonte da interpretação não se limita às ciências diretamente interpretativas, como a exegese, filologia ou direito, mas se estende a todas as ciências e perspectivas de orientação da vida. Neste sentido, Jean Grondin considera, para introduzir ao estudo da hermenêutica filosófica, a filosofia de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer com sua obra fundamental "Verdade e Método". Neste trabalho aparece, como preocupação do autor, a fundamentação e comprovação da pretensão de universalidade da hermenêutica.

Jean Grondin nasceu em 1955, estudou nas Universidades de Montreal, Heidelberg e Tübingen, leciona Filosofia na Universidade de Ottawa, é pesquisador do *Conseil de Recherches en Sciences Humaines*, do Canadá, e da *Alexander-von-Humboldt Stiftung*, da República Federal da Alemanha. Grande conhecedor da obra de Gadamer, e aqui podemos citar, além das suas obras "*Hermeneutische Wahrheit? Zum Wahrheitsbegriff Hans-Georg Gadamer*", "*Hans-Georg Gadamer. Eine Biographie*" e "*Introduction à Hans-Georg Gadamer*", além da tradução francesa de "Verdade e Método" e de "*La Philosophie Herméneutique*", Grondin também considera que o possível fundamento dessa universalidade deve ser buscado no *verbum interius* (palavra interior), que Santo Agostinho já mostrara. Para Santo Agostinho, a universalidade da hermenêutica estava situada na "palavra interior", no falar da alma consigo mesma, na gestação das idéias que se dá no íntimo da mente humana, pois o que expressamos fica sempre muito aquém da "palavra interior" que pensamos. Com esta perspectiva, o autor procura defender que o enfoque do *verbum interius* é central para reconstruir fielmente a problemática histórico-filosófica da hermenêutica.

A partir daí, Grondin desenvolve toda a história da hermenêutica, mostrando o pensamento dos principais autores que marcaram o desenvolvimento da hermenêutica ao longo da história, como Orígenes, Agostinho, Lutero, Flacius, Dannhauer, Chlaudenius, Ast e Schlegel, Schleiermacher, Boeckh, Droysen, Dilthey, Heidegger, Habermas e, é claro, Gadamer, além de outros. O tema, desenvolvido em nove capítulos, inclui ainda uma extensa e rica parte para as notas e extensa bibliografia. A versão brasileira, muito bem traduzida por Benno Dischinger, professor na UNISINOS, São Leopoldo, vem

enriquecida com sua apresentação e anexo de livros sobre o assunto, predominantemente em língua portuguesa. É um livro muito bem estruturado, com linguagem simples, de rápida leitura, mas que não dispensa algum conhecimento, não só na área filosófica, como certo contato com o grego, pelos muitos termos citados. Como introdução à Filosofia Hermenêutica é uma bibliografia que, certamente, deverá constar nas referências dos cursos sobre a disciplina.

Luiz Harding Chang, SJ
CES — BH